

## A Transcendentalidade da Essência da Liturgia na Metafísica Zubiriana

The Transcendentality of the Essence of the Liturgy in Zubiriana Metaphysics

JUCILEI SILVA LIMA<sup>1</sup>

DOI: <https://doi.org/10.23925/2764-8389.2022v1i1p170-196>

**RESUMO:** Este artigo procura fazer interface da Teologia Litúrgica com a noologia zubiriana. Xavier Zubiri apresenta uma nova compreensão de realidade que o humano alcança pela inteligência senciente. Sendo assim, a essência é um momento da realidade, é uma estrutura interna, um sistema constitutivo de todas as notas necessárias e suficientes para que uma realidade substantiva seja o que é. Esse sistema é uma estrutura e essa estrutura é transcendental. A Liturgia é uma realidade substantiva por isso tem uma estrutura precisa, com suas notas essenciais, e o homem ao se deparar com esta realidade, isto é, ao celebrar, alcança Deus, realidade fundante de toda realidade, que transcende *neste* real que é a Liturgia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Realidade, Homem, Liturgia, Essência, Transcendentalidade.

**ABSTRACT:** This article seeks to interface Liturgical Theology with Zubirian noology. Xavier Zubiri presents a new understanding of reality that the human reaches through sentient intelligence. Thus, the essence is a moment of reality, it is an internal structure, a constitutive system of all the necessary and sufficient notes for a substantive reality to be what it is. This system is a structure and this structure is transcendental. The Liturgy is a substantive reality for that reason it has a precise structure, with its essential notes, and when man comes across this reality, that is, when celebrating, he reaches God, the founding reality of all reality, who transcends in this real that is the Liturgy.

**KEYWORDS:** Reality, Man, Liturgy, Essence, Transcendentality.

**SUMÁRIO:** 1. Introdução; 2. Xavier Zubiri e a obra de fundamentação; 3. Considerações acerca da essência; 4. A transcendentalidade e consideração transcendental da essência; 5. Liturgia e sua essência; 5.1. A essência da liturgia; 6. Transcendentalidade da essência da liturgia; 6.1. Realidade litúrgica; 7. Considerações Finais; 8. Bibliografia; Anexo I – Abreviações.

### 1. Introdução

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia Cristã, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), nos períodos de 2021-2023, com enfoque em Teologia Litúrgica em interface com o filósofo espanhol Xavier Zubiri. Possui Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (FAERPI), (2016-2019). Possui graduação em Teologia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (2013-2016). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Liturgia e Música. Participou de vários Cursos a Longo e curto prazo (3 etapas), Conferências e Congressos, e de Colóquios com Comunicação e publicação em ANAIS. Publicou um capítulo do Livro: I Colóquio Filosófico-Teológico Xavier Zubiri: Interfaces - ANAIS 2021, ISBN 978-85-60453-58-0 - Pg. 115-121. E-mail: [jucileisilva21@hotmail.com](mailto:jucileisilva21@hotmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7769145557471240>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3051-0151>. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Qual o princípio geral das coisas que regem a ordem particular delas? Essa é uma pergunta que o animal de realidades, o homem, constantemente faz. Desde os primórdios, filósofos e místicos se debruçam ferrenhamente nesta busca. Fazendo assim nascer ciências, áreas do conhecimento e teorias das mais diversas naturezas, onde muitas práticas se tornaram objetos de grandes reflexões e, grandes reflexões se tornaram práticas, e isso aconteceu no cristianismo.

No cristianismo, até meados do século XVIII, aconteceu que a Liturgia era considerada mais como uma prática sem uma ciência litúrgico teológica que a fundamentasse, apesar de, já sentirem essa fundamentação em sua prática. Somente após este século surgiu a ciência litúrgica, com os movimentos litúrgicos, que se reforçou no Concílio Vaticano II, onde este mesmo recomenda a formação de mestres em sagrada Liturgia, por isso é necessária uma ciência litúrgica.

É de fundamental importância começar uma obra com bases sólidas. Não deve ser diferente com a ciência litúrgica para uma sustentabilidade suficiente. Xavier Zubiri nos oferece uma filosofia sólida e concisa, uma filosofia que supera as dificuldades e deslizes no pensamento da procura do fundamento das coisas, ou seja, aquilo que há de mais radical de cada coisa real.

A realidade da Liturgia tem uma estrutura precisa, um sistema constitutivo que leva o animal de realidades, o humano, a alcançar aquilo que transcende nela, no seu sistema de notas constitutiva (essência), a Realidade Fundante que é Deus. Por isso há uma necessidade de celebrar, deparar-se com a realidade litúrgica em seu caráter *de suyo*. Carecemos, agora, investigar em que consiste essa transcendentalidade da essência da Liturgia.

Buscamos em Zubiri terminologias e ideias que nos ajudam nesta investigação. No primeiro momento apresentaremos o autor e a obra base desse estudo, seguido das análises dos conceitos da essência e a transcendentalidade dessa essência, de modo particular, da essência no contexto da Liturgia, buscando demonstrar o resultado de nossa inquirição. Dito isto, caminhar é preciso, portanto caminharemos unidos.

## 2. Xavier Zubiri e a obra de fundamentação

Nascido em 4 de dezembro de 1898, em San Sebastian. Filósofo espanhol que em suas inúmeras viagens com o intento de estudos, conviveu com ilustres pensadores de sua época. Quando membro da Escola de Madrid manteve contato com renomados filósofos como J. Ortega y Gasset<sup>2</sup>, Julián Marías<sup>3</sup> e Pedro Laín Entralgo<sup>4</sup>. Obteve licenciatura em Filosofia com um trabalho intitulado, *O problema da objetividade em E. Husserl: a lógica pura*. Depois teve a oportunidade de conviver com o próprio E. Husserl<sup>5</sup>, M. Heidegger<sup>6</sup>. Além desses grandes nomes, Zubiri participou de seminários com estudiosos de outras ciências, como A. Einstein<sup>7</sup>, E. Schrödinger<sup>8</sup>, M. Planck<sup>9</sup>, W. Jaeger<sup>10</sup>. Em Paris participou de cursos com L. de Broglie<sup>11</sup>,

---

<sup>2</sup> J. Ortega y Gasset (1883-1955), foi filósofo, ensaísta, jornalista e ativista político, fundador da Escola de Madrid, é considerado por muito o maior filósofo espanhol do século XX.

<sup>3</sup> Julián M. Aguilera (1914-2005), foi filósofo espanhol, considerado o principal discípulo de José Ortega y Gasset, foi diretor do Seminário de Estudos de Humanidades, membro da Real Academia Espanhola e da Real Academia de Belas-Artes e doutor honoris causa em Teologia pela Universidade Pontifícia de Salamanca.

<sup>4</sup> Pedro L. Entralgo (1908-2001), foi um médico, historiador, ensaísta e filósofo espanhol. Ele cultivou, fundamentalmente, a história médica e a antropologia, recebeu o prêmio Príncipe das Astúrias de Comunicação e Humanidades em 1989.

<sup>5</sup> E. Husserl (1859-1938), foi filósofo e matemático alemão, fundador da escola da fenomenologia e seu pensamento influenciou profundamente todo o cenário intelectual do século XX e XXI.

<sup>6</sup> Martin Heidegger (1889-1976), foi filósofo, escritor, professor universitário e reitor alemão. Foi um pensador seminal na tradição continental e hermenêutica filosófica, é amplamente reconhecido como um dos filósofos mais originais e importantes do século XX. Contribuiu com a fenomenologia e existencialismo.

<sup>7</sup> Albert Einstein (1879-1955), foi físico teórico alemão e desenvolveu a teoria da relatividade geral, um dos pilares da física moderna junto com a mecânica quântica. Muito conhecido pela fórmula da equivalência massa-energia, foi laureado com o prêmio Nobel de Física em 1921 por sua contribuição à física teórica e especialmente por sua descoberta da lei do efeito fotoelétrico, fundamental no estabelecimento da teoria quântica.

<sup>8</sup> Erwin R. J. A. Schrödinger (1887-1961), foi um físico teórico austríaco, conhecido por suas contribuições à mecânica quântica, especialmente a equação de Schrödinger, pela qual recebeu o Nobel de Física em 1933, ainda propôs o experimento mental conhecido como o Gato de Schrödinger e participou da IV, V, VII e VIII Conferência de Solvay. Ainda deu atenção aos aspectos filosóficos da ciência, aos conceitos filosóficos, à ética e às religiões orientais e antigas, apesar de ser ateu.

<sup>9</sup> Max K. E. L. Planck (1858-1947), foi um físico alemão, é considerado o pai da física quântica e um dos físicos mais importantes do século XX, foi laureado com o Nobel de Física de 1918 por suas contribuições na área da física quântica.

<sup>10</sup> Werner W. Jaeger (1888-1961), foi filósofo, filólogo e classicista alemão. Sua principal obra é *Paidéia*, editada em alemão em 1936, traduzida e publicada em português no Brasil em 1966.

<sup>11</sup> Louis de Broglie (1892-1987), foi físico francês, contribuiu com a teoria da mecânica quântica. Em 1925 publicou sobre a teoria da Onda piloto, recebeu o prêmio Nobel pela descoberta da natureza ondulatória do elétron em 1929.

F. Joliot<sup>12</sup>, I. Curie<sup>13</sup>, É. Cartan<sup>14</sup>, É. Benveniste<sup>15</sup>. E poderíamos elencar muito mais nomes importantes para o pensamento contemporâneo que Zubiri conviveu.<sup>16</sup>

Em 1944 Zubiri publicou *Naturaleza, Historia, Dios*. Em 1962, *Sobre la esencia*. Em 1963, *Cinco lecciones de filosofia*. Em 1980 publicou o primeiro volume de Inteligência Senciente, *Inteligencia y realidad*. Em 1982 o segundo volume, *Inteligencia y logos*. E em 1983 o terceiro volume, *Inteligencia y razón*. Fez uma introdução na publicação da tradução da obra *Naturaleza, história, Dios* em 1981 na língua inglesa; nesta introdução ele pontualiza as três etapas do seu pensamento. Em 1983 Zubiri começa a trabalhar na conclusão da obra *El hombre y Dios*, que ele tinha começado a desenvolver em um curso sobre *O Problema Teológico do Homem: Deus, Religião, Cristianismo* em Madri 1972 e *O Homem e Deus* em Roma 1973. Mas faleceu em 21 de setembro neste mesmo ano, em Madri<sup>17</sup>.

Zubiri foi um exímio pesquisador e por isso teve contanto com as mais célebres ideias de sua época. Isso fez com que ele intuísse uma nova maneira de fazer filosofia e buscou, em um diálogo constante com as novas ciências, fundamentá-la. Construiu uma filosofia própria e original. Ele mesmo descreve sua filosofia em três fases, que Diego Gracia denomina de “fase fenomenológica, fase ontológica e fase metafísica”<sup>18</sup>. No prefácio da tradução inglesa de *Natureza, História, Deus*, feita pelo próprio Zubiri, ele escreve:

A filosofia vinha sendo uma mistura de positivismo, historicismo e pragmatismo apoiada em última instância na ciência psicológica, um apoio que se expressou como teoria do conhecimento. Partindo dessa situação, Husserl criou, com uma crítica severa, a fenomenologia. É uma volta do psíquico às coisas mesmas. A fenomenologia foi o movimento mais importante a abrir um campo próprio ao filosofar enquanto tal. Foi uma filosofia das coisas e não só uma teoria do conhecimento. Essa foi a remota inspiração comum da etapa 1932-1944: a filosofia das coisas. A fenomenologia teve

<sup>12</sup> Jean F. Joliot-Curie (1900-1958), foi físico francês e recebeu o Nobel de Química em 1935.

<sup>13</sup> Marie Sklodowska-Curie (1867-1934), foi física e química polonesa naturalizada francesa e conduziu pesquisas pioneiras sobre a radioatividade, primeira pessoa a ganhar duas vezes e a primeira mulher a ganhar o prêmio Noel, primeira mulher a se tornar professora na Universidade de Paris e a primeira mulher sepultada no Panteão de Paris.

<sup>14</sup> Élie J. Cartan (1869-1951), foi matemático francês, realizou trabalhos fundamentais na teoria de grupos de Lie e seus usos geométricos.

<sup>15</sup> Émile Benveniste (1902-1976), foi linguista francês, conhecido por seus estudos sobre as línguas indo-europeias e pela expansão do paradigma linguístico estabelecido por Ferdinand de Saussure.

<sup>16</sup> GARCÍA, J. J., *Inteligência Sentiente, Reidade, Dios*, p.13-18.

<sup>17</sup> GRACIA, D., *Xavier Zubiri* (1898-1983), p.15-16.

<sup>18</sup> GRACIA, D., *Xavier Zubiri* (1898-1983), p. 16.

assim uma dupla função; uma, a de apreender o conteúdo das coisas. Outra, a de abrir o livre espaço do filosofar diante de toda servidão psicológica ou científica. E esta última função foi para mim a decisiva. Naturalmente, a influência da primeira função é sobejamente clara não só em mim, mas em todos os que se dedicam à filosofia desde aquela data<sup>19</sup>.

A segunda fase do pensamento de Zubiri, a chamada ontológica, se deu com sua estadia na Alemanha, quando teve o contato pessoal com Husserl e Heidegger. Nas discussões vigentes ele teve uma inspiração própria:

Nessa etapa da minha reflexão filosófica, a concreta inspiração comum foi ontologia ou metafísica. Com isso a fenomenologia é relegada a ser uma inspiração pretérita. Não se trata de uma influência – aliás inevitável – da fenomenologia sobre minha reflexão, mas da progressiva constituição de um âmbito filosófico de caráter ontológico ou metafísico<sup>20</sup>.

Nessa nova linha de pensamento Zubiri percebeu que algo ainda estava vago, isto é, precisava de algo mais radical ainda, mais profundo. É o que constitui a terceira fase, a dita fase metafísica. Daí ele escreve:

A essa etapa se seguiu, pois, uma nova. Por que são a mesma coisa metafísica e ontologia? São a mesma coisa realidade e ser? Já dentro da fenomenologia, Heidegger vislumbrou a diferença entre as coisas e seu ser. Com o que a metafísica passava para ele a fundar-se na ontologia. Minhas reflexões seguiram uma via oposta: o ser se funda na realidade. A metafísica é o fundamento da ontologia. O que a filosofia estuda não é a objetividade nem o ser, mas a realidade enquanto tal. A partir de 1944 minha reflexão constitui a nova etapa: a etapa rigorosamente metafísica. Nele recolho, como é óbvio, as ideias cardeais da etapa anterior, ou seja, dos estudos já publicados neste volume. Mas essas ideias adquirem um desenvolvimento metafísico para além de toda objetividade, e para além de toda ontologia.

[...]

Diante dessas quatro gigantescas substantivações, do espaço, do tempo, da consciência e do ser, tentei uma ideia do real anterior àquelas. Foi o tema de meu livro *Sobre la Esencia* (Madri, 1962): a filosofia não é filosofia da objetividade nem do ente, não é fenomenologia nem ontologia; é filosofia do real enquanto real, é metafísica. Por sua vez, a inteligência não é consciência; é mera atualização do real na inteligência senciente. É o tema do meu livro que acaba de publicar-se, *Inteligencia Sentiente* (Madri, 1980)<sup>21</sup> (grifos do autor).

---

<sup>19</sup> ZUBIRI, X., *Natureza, História, Deus*, p. 27.

<sup>20</sup> ZUBIRI, X., *Natureza, História, Deus*, p. 27-28.

<sup>21</sup> ZUBIRI, X., *Natureza, História, Deus*, p. 28-29.

Nossa pesquisa está pautada exatamente nesta fase madura de Zubiri. No seu livro *Sobre la Esencia*. Ao buscar o mais radical da coisa, o filósofo basco traça, com muita precisão, um itinerário argumentativo desconcertante para um tema que já parecia consolidado. Com isso ele identifica o mais radical e profundo: a realidade. Por isso é chamado por Ph. Secretan de “o aventureiro do real”<sup>22</sup>. Nesta obra Zubiri identifica o problema da essência, expõe algumas ideias clássicas acerca da essência e identifica a essência como momento estrutural do real.

Não se trata de temas separados, mas sucedâneos. Após um longo e belo desenvolvimento dessa estrutura do real, alcança a essência da realidade; descreve essência e logos, essência e talidade e essência e Transcendentalidade. Neste último, fala da ideia da ordem transcendental e a consideração transcendental da essência, e aqui encontra nosso tema, mas para melhor compreendê-lo é necessário alguns esclarecimentos sobre a noologia zubiriana, isto é, seus termos próprios e sua compreensão terminológica.

### 3. Considerações acerca da essência<sup>23</sup>

No livro *Sobre la Esencia*, Zubiri inaugura oficialmente seu pensamento ensaiado, já, nos artigos e cursos produzidos anteriormente, mas com um novo desenvolvimento metafísico, uma evolução do pensamento. Caponigri diz que, “Esse tratado conduz a duas coisas: a recentrar certas questões fundamentais dos *cursos* dos anos anteriores e a abrir nova fase de sua atividade. [...] construir sua própria filosofia enquanto ‘sistema de pensamento unitário e deliberadamente organizado’.”<sup>24</sup> (Grifo do autor).

Para isso, Zubiri precisou elaborar novos conceitos ou redefini-los na perspectiva de sua filosofia, a fim de não correr o risco de falhar exatamente onde muitos falharam em toda história da filosofia, Zubiri mostra isso ao longo dos seus escritos.

Na sua compreensão de filosofia, Zubiri busca o fundo último das coisas, o *principio* que faz que o que é realmente real seja *real*. E isso Zubiri o indica claramente como o fim de toda investigação filosófica, fim que ele faz seu: *lo último de las cosas*; não

<sup>22</sup> SECRETAN, P. (Org.). Introdução ao pensamento de Xavier Zubiri, (em advertência à edição francesa).

<sup>23</sup> Ao longo de todo esse texto o leitor deparará com repetitivos termos e até mesmo frases inteiras. Esse padrão é bastante utilizado por Zubiri para deixar claro sua ideia, por isso resolvemos adotar esse padrão, pois se trata de novas compreensões dos termos utilizado por ele.

<sup>24</sup> CAPONIGRI, A. R., A propósito de Sobre a Essência, p. 47.

“as coisas” (ainda que estas sejam o único ponto de partida e o ponto de referência eventual de toda *teoria*), mas “o fundo das coisas”. Fundo último do ponto de vista da filosofia enquanto busca do homem – e princípio, começo, em sentido absoluto, do ponto de vista do que é realmente real: começo e fundamento necessário da necessidade e da atualidade<sup>25</sup> (grifo do autor).

Com uma fundamentada filosofia Zubiri identifica a *realidade* em seu caráter *de suyo*<sup>26</sup> como o princípio último das coisas. Há uma prioridade da *realidade* “em relação à natureza, à existência e ao existente, à aptidão para existir, à essência em sua versão clássica, e ao Ser em toda e cada uma das três significações que lhe foram reconhecidas: copulativa, substantiva e transcendental”<sup>27</sup>. Seguindo essa argumentação, o filósofo basco identifica a essência como princípio estrutural da *realidade* (grifos nosso). Pois

só se pode atingir a realidade nas e por meio das coisas reais [...]. É nesse sentido que se pode afirmar que a realidade possui seu princípio – *está principiada* – nas coisas reais. O que é então a realidade das coisas reais? Sua resposta é: a essência. A essência é o princípio da realidade das coisas reais. As coisas reais constituem sua essência. E a essência mesma, por sua vez, deve ser compreendida simultaneamente como quiditativa e transcendental<sup>28</sup> (grifo do autor).

Quando Zubiri identifica a essência pela função que ela exerce na coisa real, difere completamente de todas as outras compreensões que se tinha deste termo. Não se trata de uma definição lógica, epistêmica ou dialética, mas uma identificação e caracterização pela função. É uma concepção completamente distinta de toda a filosofia que ele chama concipiente, não que ela seja completamente falsa, mas radicalmente insuficiente.

Para o filósofo “a pergunta acerca da essência em si mesma, não é, se não, a pergunta pela unidade principal da coisa real”<sup>29</sup> (tradução livre). Para precisar o termo em sua linha de raciocínio, Zubiri trava um diálogo com algumas ideias clássicas acerca da essência; aponta o

---

<sup>25</sup> CAPONIGRI, A. R., A propósito de Sobre a Essência, p. 57.

<sup>26</sup> É de consenso dos estudiosos brasileiros de Zubiri não traduzir esse termo, entendendo que *de seu* não diz o que de fato o filósofo pretende com a ideia, por isso optaremos aqui em seguir esse padrão e usar o *de suyo*.

<sup>27</sup> CAPONIGRI, A. R., A propósito de Sobre a Essência, p. 62.

<sup>28</sup> CAPONIGRI, A. R., A propósito de Sobre a Essência, p. 62-63.

<sup>29</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 18. “la pregunta acerca de la esencia em sí misma, no es sino la pregunta por la unidad principal de la cosa real (texto original).

que dizem e o que ele considera e desconsidera dessas ideias<sup>30</sup>. Em resumo deste ponto, o filósofo basco conclui que:

O racionalismo e Hegel representam duas ideias da essência montadas sobre o conceito que temos da coisa: a essência seria a realidade do conceito da coisa. Esta fase equívoca, pode entender-se ou bem do conceito formal (Hegel) ou bem do conceito objetivo (racionalismo). Em Aristóteles, em contrapartida, a essência é um momento da realidade, mas da realidade enquanto correlato físico de sua definição. Desde o extremo idealismo hegeliano, passando pelo racionalismo, recaímos com Aristóteles na realidade mesma. Mas esta caída acontece de uma maneira muito especial, a saber, considerando à realidade como *λεγόμενον*, admitindo que seu caráter essencial é sempre e necessariamente expressável numa definição. Palpadas as insuficiências e vacilações deste contato especial com a realidade – especial por ser indireto – estamos já em franquia para dar um passo a mais: ir diretamente à realidade, e tratar de averiguar em e por ela, que é isso da essência<sup>31</sup> (tradução livre).

Voltando à realidade Zubiri pergunta por esse momento estrutural do real que ele chama de essência, sem indagar nada mais além disso, simplesmente o momento estrutural em si mesmo. Ele elabora uma determinação provisória de essência para depois avançar na questão. Então, de antemão, a essência compreende cinco pontos:

- 1.º A essência é um momento de uma coisa *real*.
- 2.º Este momento é unidade primária de suas notas.
- 3.º Esta unidade é *intrínseca* à coisa mesma.
- 4.º Esta unidade é um princípio em que se funda as demais notas (necessárias ou não) da coisa.
- 5.º A essência assim entendida é, dentro da coisa, sua *verdade*, a verdade da realidade<sup>32</sup> (tradução livre).

---

<sup>30</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 23-94.

<sup>31</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 94. “El racionalismo y Hegel representan dos ideas de la esencia montadas sobre el concepto que tenemos de la cosa: la esencia sería la realidad del concepto de la cosa. Esta frase equívoca, puede entenderse o bien del concepto formal (Hegel) o bien del concepto objetivo (racionalismo). Em Aristóteles, en cambio, la esencia es un momento de la realidad, pero de la realidad en cuanto correlato físico de su definición. Desde el extremo idealismo hegeliano, pasando por el racionalismo, recaemos con Aristóteles en la realidad misma. Pero esta caída acontece de una manera muy especial, a saber, considerando a la realidad como *λεγόμενον*, admitiendo que su carácter esencial es siempre y necesariamente expresable en una definición. Palpadas las insuficiências y vacilaciones de este contacto especial con la realidad – especial por ser indirecto – estamos ya en franquia para dar un passo más: ir diretamente a la realidad, y tratar de averiguar en y por ella, qué es eso de la esencia”<sup>31</sup>.

<sup>32</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 98.

“1.º La esencia es un momento de una cosa *real*.

2.º Este momento es unidad primaria de sus notas.

3.º Esta unidad es *intrínseca* a la cosa misma.

4.º Esta unidad es un principio en que se fundan las demás notas (necesárias o no) de la cosa.

Ao enfrentar-nos com a realidade mesma nos deparamos com uma *função especial* desempenhada dentro da coisa real mesma e nos perguntamos o que é em si mesma. Esta função constitui a essência como momento estrutural *físico* da coisa (grifos nosso). Assim, a essência é identificada como momento estrutural e formal da coisa. Portanto o caráter próprio da essência é “conjunto de notas de algo enquanto possui uma ‘função própria’ individual, de ordem constitucional, e que concerne formalmente à substantividade, isto é, à suficiência constitucional de algo”<sup>33</sup> (tradução livre). Neste sentido, a essência se funda dentro da realidade substantiva, é um momento desta realidade enquanto tal. Vejamos melhor isto.

No auge da maturidade do seu pensamento, quando escreve a trilogia, no primeiro volume Zubiri descreve com maior facilidade e suficiência a questão da realidade<sup>34</sup>. A realidade substantiva é um sistema de notas suficientemente constitutivas. Então perguntamos, quais dessas notas são essenciais e por que são essenciais?

Para responder, Zubiri identifica a estrutura primária da coisa, nessa estrutura existem notas fundadas e as infundadas, isto é, da suficiência constitucional, porquanto há notas que derivam de outras e aquelas que repousam em si mesmas. Essas infundadas são as que determinam a estrutura inteira do sistema constitucional. Tanto as notas infundadas como as fundadas são constitucionais, mas apenas as infundadas são constitutivas, são exatamente essas notas constitutivas que Zubiri chama de notas essenciais<sup>35</sup>.

Então o filósofo diz, com estrito rigor, que a essência física de algo, do ponto de vista de suas notas “é o sistema de notas físicas constitutivas necessárias e suficientes para que uma realidade substantiva tenha todos os seus demais caracteres. [...] um momento interno da substantividade”<sup>36</sup> (tradução livre). Notas essenciais são formalmente suficientes para

---

5.º La esencia así entendida es, dentro de la cosa, su *verdade*, la verdade de la realidade.”

<sup>33</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 186. “conjunto de notas de algo en cuanto posee una ‘función propia’ individual, de orden constitucional, y que concierne formalmente a la sustantividad, esto es, a la suficiencia constitucional de algo”.

<sup>34</sup> ZUBIRI, X., Inteligência e Realidade, p. 138-145.

<sup>35</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 191.

<sup>36</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 193. “es el sistema de las notas físicas constitutivas necesarias y suficientes para que una realidad sustantiva tenga todos sus demás caracteres. [...]un momento interno de la sustantividad”.

constituir, por si mesma, um sistema substantivo. E essa essência tem em sua condição metafísica ser absoluta no sentido de autossuficiência.

Isso leva a um conteúdo constitutivo inalterável da essência, não no sentido de que não possa alterar as notas, pois toda essência e nota física são susceptíveis de alteração, mas há notas que ao alterar-se não altera a mesmidade do real. A este respeito, Zubiri resume da seguinte maneira:

Em definitivo, as notas essenciais são notas infundadas e, em virtude de tais, constitutivas. Consideradas em si mesmas, são notas “últimas”. Esta ultimidade possui três caracteres: ser de condição factual, de caráter entitativo e formal individual, e de conteúdo constitutivo inalterável. Consideradas não em si mesmas, mas respeito das demais notas, as notas essenciais, ao ser infundadas, são “fundantes” daquelas<sup>37</sup> (tradução livre).

É mister lembrar que as notas, apesar de serem independentes, no sentido de que uma não deriva da outra, mas são dependentes no sentido de que uma não pode dar-se fisicamente sem a outra, por isso elas formam uma unidade primária do sistema. Essas notas são respectivas, pois estão voltadas às demais desde si mesma, é o que Zubiri chama de *unidade coerencial*<sup>38</sup> (grifo nosso). No caráter interno da essência pode-se falar e identificar as notas enquanto individuais, mas enquanto essência a primariedade é da unidade essencial.

Essa unidade essencial enquanto primariedade é anterior às notas. Ao nos depararmos com uma coisa, real, identificamos primeiro o real enquanto real, e ulteriormente suas notas. Assim sendo,

Desde o ponto de vista de suas notas, a essência constitutiva é o sistema de notas necessárias e suficientes para que a realidade substantiva tenha todas as suas demais notas. Desde o ponto de vista de sua unidade, a essência constitutiva é unidade coerencial primária. Não são se não dois aspectos de uma só realidade, a realidade da essência constitutiva<sup>39</sup> (tradução livre).

---

<sup>37</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 262-263. “En definitiva, las notas esenciales son notas infundadas y, a fuer de tales, constitutivas. Consideradas en sí mismas, son notas “últimas”. Esta ultimidad posee tres caracteres: ser de condición factual, de carácter entitativo y formal individual, y de contenido constitutivo inalterable. Consideradas no en sí mismas, sino respecto de las demás notas, las notas esenciales, al ser infundadas, son ‘fundantes’ de aquéllas.”

<sup>38</sup> Sobre a respectividade Zubiri esclarece de modo suficiente em “Inteligência e Realidade”, p. 84-86.

<sup>39</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 342. “Desde el punto de vista de sus notas, la esencia constitutiva es el sistema de notas necesarias y suficientes para que la realidad sustantiva tenga todas sus demás notas. Desde el punto de

Para concluir essa compreensão acerca da essência é importante olhar para ela assim concebida e instalada. Até agora olhamos a essência como o momento de um sistema e não determinação de um sujeito. O que devemos evitar, e Zubiri é enfático nisso, é uma mentalidade concipiente. Isso significa que o esforço intelectual deve ser para compreender o essencial da realidade e não para defini-la.<sup>40</sup> A essência só pode ser conceituada em função da construtividade intrínseca, como sistema de notas intrinsecamente construto.

Esse é o primeiro aspecto: “a essência é aquilo que faz que o real seja *tal* como é”<sup>41</sup> (tradução livre). O *tal* aqui é talidade; é o que faz uma coisa ser *isto* e não *outro*, é a coisa real como *tal* (grifo nosso).

#### 4. A transcendentalidade e consideração transcendental da essência

A realidade construta da essência pode ser considerada do ponto de vista de dois aspectos da realidade essencial: talidade – aquilo segundo o qual a coisa é *tal* –, e a Transcendentalidade – aquilo segundo o qual a coisa é *real*. Este carácter da realidade está por cima da talidade, isso porque concorda formalmente todas as coisas e todas as notas. “A ordem da realidade enquanto realidade é uma *ordem transcendental*”<sup>42</sup> (tradução livre, grifo do autor).

Para chegar aonde pretende no esclarecimento do transcendental, Zubiri percorre um caminho dialogal com a filosofia moderna e a clássica. Na moderna ele percebe três pontos.

1.º Que a Transcendentalidade está além de toda possível idealidade, isto é, que o transcendental é a ordem do real.

2.º Que a ordem do real não se funda na ordem da verdade, mas que é anterior a esta, tanto se consideramos o polo subjetivo do ‘eu’ como se considerarmos o polo terminal da inteligência; isto é, que a ordem transcendental não é a ordem do real enquanto verdadeiro, mas a ordem do real enquanto que real.

---

vista de su unidad, la esencia constitutiva es unidad coherencial primaria. No son sino dos aspectos de una sola realidad, la realidad de la esencia constitutiva.”

<sup>40</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 352. “El fin del saber esencial no es ni intuir ni definir, sino aprehender en su unidad coherencial primaria las notas constitutivas necesarias y suficientes para que una realidad sustantiva tenga todas sus demás notas”.

<sup>41</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 357. “la esencia es aquello que hace que lo real sea ‘tal’ como es”.

<sup>42</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 372. “El orden de la realidad en cuanto realidad es un *orden transcendental*”.

3.º Que esta realidade enquanto realidade não é objetualidade, mas simples realidade<sup>43</sup> (tradução livre).

Já a filosofia clássica aponta seis transcendentais: ens, res, unum, aliquid, verum, bonum. Opõe-se completamente ao idealismo transcendental. Cabe-nos, agora, ver a ideia mesma do transcendental e os modos gerais de ser, isto é, a ordem transcendental enquanto ordem. Nisto fica limitado a dizer que o transcendental é a realidade enquanto realidade. Mas o que é essa realidade? Realidade não está para ser definida, mas é algo que se pode explicar por contraposição, diz Zubiri<sup>44</sup>.

Pois bem, para esclarecermos isso é necessário entrar na questão da apreensão intelectual, própria do homem, pois o próprio da inteligência humana não é conceber, mas apreender. O homem apreende sentindo estimulicamente e, mais do que isso, pois apreender por estímulo é próprio do animal, o homem, pela sua condição intelectual, apreende sentindo a realidade. A formalidade própria do inteligido enquanto inteligido é a realidade. Estímulo e realidade são as duas formalidades do apreendido enquanto tal. Então é *realidade estimulante*, e seu modo de apreender é *sentir intelectual*, ou *inteligência senciente*<sup>45</sup> (grifo nosso). Isso é suficiente no momento, pois o importante é percebermos que o primeiro que o homem entende é a realidade estimulante, com isso fica claro que as coisas estão presentes no sentir e não somente nos conceitos.

Está presente como formalmente um *prius* a sua apresentação mesma. Esse *prius* é a coisa antes da apresentação; é algo *de suyo*; a realidade é formalmente o *de suyo*<sup>46</sup> (grifo nosso), e é assim que ela é apreendida. *De suyo* é um momento radical e formal da realidade de algo<sup>47</sup>

---

<sup>43</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 383. “1.º Que la transcendentalidad está allende toda posible idealidade, esto es, que lo transcendental es el orden de lo real.

<sup>2.º</sup> Que el orden de lo real no se funda en el orden de la verdade, sino que es anterior a éste, tanto si consideramos el polo subjetivo del “yo” como si consideramos el polo terminal de la inteligencia; esto es, que el orden transcendental no es el orden de lo real en tanto que verdadero, sino el orden de lo real en tanto que real.

<sup>3.º</sup> Que esta realidad en cuanto realidad no es objetualidad, sino simple realidad”.

<sup>44</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 390.

<sup>45</sup> ZUBIRI, X., Inteligência e Realidade, p. 3-42.

<sup>46</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 394.

<sup>47</sup> ZUBIRI, X., Inteligência e realidade, p. 100 e 108.

(grifo nosso). A realidade é o mais radical da coisa, e não o ser/existência. É certo que o existente é real e o que não existe não é real; mas existe porque é real ou é real porque existe?

O real é anterior à existência. Sendo que anterioridade aqui não tem nada a ver com temporalidade, mas é de ordem de fundamentação formal; realidade é formalmente anterior à existência. Existência é só um momento da realidade. Não há *a existência*, mas somente *coisa existente* (grifo nosso). Portanto *de suyo* é um momento radical e formal da realidade de algo.

É um momento comum à inteligência senciente e à coisa real, como momento da inteligência, é formalidade de alteridade, e, como momento da coisa real, é seu '*de suyo*' próprio<sup>48</sup>. "Só fundados nesta formalidade, isto é, na realidade *qua* realidade, poderemos descobrir seus dois momentos de essência e de existência"<sup>49</sup> (tradução livre).

A abertura às coisas como realidade é o que formalmente constitui a inteligência. A formalidade própria do inteligido é realidade. Essa formalidade é sentida, por isso, inteligência senciente, sente impressivamente, e essa impressão é de realidade. Essa impressão de realidade é constitutivamente transcendental. O transcendental está já dando na impressão de realidade<sup>50</sup>.

Transcendentalidade é o momento estrutural segundo o qual algo transcende a si mesmo. [...] transcendental é aquilo que constitui o termo formal da inteligência, a saber, a realidade. E esta realidade nos está presente em impressão. Portanto, é a realidade em impressão que é transcendental<sup>51</sup>.

A impressão de realidade não é, portanto, impressão do transcendente, mas impressão transcendental<sup>52</sup>. "Sendo caráter de uma formalidade, transcendentalidade não significa ser transcendental à realidade, mas ser transcendental *nas* realidades"<sup>53</sup> (grifo do autor). Então Zubiri conceitua Transcendentalidade em Inteligência Senciente da seguinte forma: "O transcendental não é 'ser', mas 'realidade'. [...] A Transcendentalidade é precisa e formalmente

<sup>48</sup> ZUBIRI, X., Inteligência e realidade, p. 140.

<sup>49</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 401. "Sólo fundados en esta formalidad, esto es, en la realidad *qua* realidad, podremos descubrir sus dos momentos de esencia y de existencia".

<sup>50</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 414-416.

<sup>51</sup> ZUBIRI, X., Inteligência e realidade, p. 79.

<sup>52</sup> ZUBIRI, X., Inteligência e realidade, p. 79-80.

<sup>53</sup> ZUBIRI, X., Inteligência e realidade, p. 82.

abertura respectiva à suidade mundanal”<sup>54</sup>. Portanto a ordem transcendental é a ordem da realidade enquanto realidade.

Para melhor compreender o contexto do nosso problema de pesquisa, recordemos algumas considerações. A essência foi considerada na ordem da talidade, isto é, essência é o que constitui ao real em ser *tal* realidade, e na ordem segundo o qual, a coisa é algo *real*. É essa segunda consideração que pertence a ordem transcendental. O transcendental é um *caráter* do real, mas é também uma *estrutura* do real enquanto real (grifos nosso). A ordem da talidade e a ordem transcendental, apesar de não se identificarem formalmente, não são duas ordens independentes, a primeira determina a segunda, isso é uma função transcendental da estrutura constitutiva. Esta função determina no real o caráter e uma verdadeira estrutura transcendental<sup>55</sup>.

Vejamos a seguir qual o caráter transcendental desta função.

Vimos que a ordem transcendental é a ordem da realidade. Realidade por sua vez é esse caráter *de suyo*, ou seja, tem um caráter próprio. O *de suyo* é o caráter transcendental de todo conteúdo determinado. Formalidade de realidade é o momento transcendental da apresentação da coisa na apreensão (grifos nosso). Então a função transcendental da talidade como determinação é constituir o real em sua realidade enquanto realidade.

“Em definitivo, essência é a talidade estrita e formal em função transcendental, em ordem ao ‘de suyo’, e a Transcendentalidade mesma é o ‘de suyo’, o *simpliciter* real. Este é o *caráter transcendental* da essência”<sup>56</sup> (tradução livre, grifo do autor). Assim, além do caráter transcendental, a essência tem uma estrutura transcendental. O que determina a estrutura é o caráter transcendentalmente construído da realidade. Pois bem, a essência como realidade, como *de suyo*, tem uma precisa estrutura transcendentalmente cujo primeiro aspecto é ser *suyo*

---

<sup>54</sup> ZUBIRI, X., Inteligência e realidade, p. 86.

<sup>55</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 455.

<sup>56</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 481. “En definitiva, esencia es la talidad estricta y formal en función transcendental, en orden al ‘de suyo’, y la transcendentalidad misma es el ‘de suyo’, lo *simpliciter* real. Este es el *carácter transcendental* de la esencia”.

constitucionalmente. Constituição e dimensão são os dois momentos estruturais transcendentais da essência como algo *de suyo* (grifo nosso).

Dito isto, concluíamos este ponto com as próprias palavras do Zubiri:

Nos propomos conceber a essência em sua transcendentalidade. E havíamos visto antes de tudo que a essência tem um *carácter* transcendental. Transcendentalidade é o carácter de realidade em quanto tal, a saber: o ‘de suyo’. E a essência é o constitutivo do real em função transcendental, isto é, em ordem ao ‘de suyo’. Esta essência como realidade ‘de suyo’ não tem somente umas propriedades transcendentais, mas também uma estrita *estructura* transcendental. O constitutivo do real é, com efeito, de carácter construto. Esta constructividade talitativa em função transcendental determina um construto metafísico. E este construto tem sua estrutura própria, uma estrutura, por tanto, transcendental. Esta estrutura tem três momentos estruturais: como construto metafísico, a essência é constituição individual, é um sistema dimensional, e tem um tipo determinado. A essência é ‘de suyo’ sua a seu modo próprio; é ‘de suyo’ uma interioridade em exterioridade, segunda dimensões distintas; é ‘de suyo’ fechada ou aberta a seu carácter mesmo de realidade. A pertença intrínseca destes três momentos constitui a estrutura transcendental da essência<sup>57</sup> (tradução livre).

## 5. Liturgia e sua essência

Segundo Zubiri é impossível atingir a realidade se não for por meio das coisas reais. As coisas reais são chamadas de *realidade substantiva*. Entendemos a Liturgia como uma realidade substantiva, portanto, partindo de sua realidade em seu carácter *de suyo* poderemos explicar o fundamento e a totalidade do seu real. Liturgia é algo real, e o real é precisamente a substantividade. A substantividade carece de um sistema clausurado e total de notas constitucionais, é unidade de sistema. Essa unidade de sistema é exatamente a essência, ela funda dentro da realidade substantiva tanto o determinante de seu modo de unidade como a unidade mesma.

---

<sup>57</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 508. “Nos proponíamos concebir la esencia en su transcendentalidad. Y hemos visto ante todo que la esencia tiene un *carácter* transcendental. Transcendentalidad es el carácter de realidad en cuanto tal, a saber: el “de suyo”. Y la esencia es lo constitutivo de lo real en función transcendental, esto es, en orden al “de suyo”. Esta esencia como realidad “de suyo” no tiene solamente unas propiedades transcendentales, sino también una estricta *estructura* transcendental. Lo constitutivo de lo real es, en efecto, de carácter construto. Esta constructividad talitativa en función transcendental determina un constructo metafísico. Y este constructo tiene su estructura propia, una estructura, por tanto, transcendental. Esta estructura tiene tres momentos estructurales: como constructo metafísico, la esencia es constitución individual, es un sistema dimensional, y tiene en tipo determinado. La esencia es “de suyo” suya a su modo propio; es “de suyo” una interioridade em exterioridade, según dimensiones distintas; es “de suyo” cerrada o aberta a su carácter mismo de realidad. La pertinencia intrínseca de estos tres momentos constituye la estructura transcendental de la esencia”.

Apreendendo a essência em si mesma e sua função, poderemos compreender o tipo de princípio que é a essência dentro dessa realidade substantiva, que chamamos Liturgia. Identificamos a essência como princípio estrutural da realidade substantiva. Mas está principiada na realidade das coisas reais. Como a realidade substantiva é um sistema de notas constitutivas, precisamos identificar agora a essência da Liturgia.

## 5.1. A essência da liturgia

Nossa intenção não é numerar as notas da Liturgia, mas compreender o essencial da realidade Litúrgica. Compreender a essência no sistema de notas que formam fisicamente a Liturgia, como princípio fundante dela, ou seja, daquilo que faz a Liturgia ser real, que no homem se abre para outra dimensão, a da transcendentalidade.

Sabe-se que “a Liturgia é fundamentalmente uma obra de Deus – *Opus Dei*”<sup>58</sup> (grifo do autor). É algo revelado por Ele mesmo ao homem, que é esse “*animal de realidades*: sua inteligência é senciente, seu sentimento é afetante, sua volição é tendente”<sup>59</sup> (grifo do autor). Liturgia é uma bênção/revelação de Deus ao homem que, em resposta e isso, glorifica/adora a Deus com sua vida neste mesmo ato litúrgico. A grandiosidade nisso é que Deus instrui minuciosamente como o homem pode e deve fazer isso, pois em um ato litúrgico que o homem não reconhece Deus, diminui o próprio homem.

Ratzinger ao falar da natureza da Liturgia vai à raiz primeira do culto narrado pelo Êxodo. Aponta que a libertação do Povo de Israel não foi simplesmente para morar em outra terra, em busca de uma terra prometida, se assim fosse, Israel não seria diferente de nenhum outro povo. Israel saiu da escravidão para prestar serviço a Deus. E somete três dias depois Deus fala ao povo no monte Sinai (Ex 19), revela sua vontade e estabelece uma Aliança (Ex 24) e instrui minuciosamente a um culto. Então o culto de adoração e sacrifício não pode ser

---

<sup>58</sup> LAURICIO, J., Liturgia: um caminho de contemplação do Mistério cristão. Disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/liturgia-um-caminho-de-contemplacao-do-misterio-cristao/#.YTtwd45KjIU>. Acessado dia 10/09/2021.

<sup>59</sup> ZUBIRI, X., Inteligência e Realidade, p. 208.

uma invenção humana, mas revelado, desejado pelo próprio Deus. Excluir Deus dessa realidade seria esvaziá-la à um mero teatro<sup>60</sup>.

O homem não pode simplesmente “fazer” por si o culto; se Deus não se mostra, ele agarra o vazio. [...] Se Deus não se mostra, o homem, baseado nas intuições de Deus que lhe estão inscritas no íntimo, pode certamente construir altares “A um deus desconhecido” (At 17,23), pode dirigir-se com o pensamento para Ele, buscar às apalpadelas aproximar-se dele. Mas, a verdadeira liturgia pressupõe que Deus responda e mostre como nós podemos adorá-lo. Ela implica, de alguma maneira, uma espécie de “instituição”. Não pode brotar da nossa fantasia, da nossa própria criatividade, sem permanecer como um grito no escuro ou se transformar em uma autoafirmação. Ela pressupõe diante de nós o Destinatário concreto, que se mostra a nós e com isso orienta a nossa existência na direção correta<sup>61</sup>.

Ratzinger ainda aponta o culto ao bezerro de ouro como exemplo dramático da arbitrariedade humana do culto realizado, mesmo que por um sacerdote. Eles, mesmo agindo em conjunto, não entendiam como um serviço idolátrico. A apostasia é a mais perigosa prática, pois ela aparentemente fica junto ao mesmo Deus. Aparentemente seguem tudo como prescrito, mas é um ato abominável a Deus, pois faz dele um mero visível e compreendido. Isso é reduzir Deus abaixo do homem, mesmo que não pareça. É reduzir a Liturgia a uma festa a si mesmo no cantar, no beber, no comer, no dançar.

Uma Liturgia não revelada por Deus se torna um ato arbitrário e egoísta do homem, e isso, no curto, médio ou longo prazo começa a frustrar o próprio homem, conduzindo-o a um vazio, pois já não se experimenta mais a libertação, pois só através da mão do Deus vivo alcança-a<sup>62</sup>.

A *Sacrosanctum Concilium* (SC), ao tratar da natureza da sagrada Liturgia começa por dizer que “Deus, que ‘quer salvar e fazer chegar ao conhecimento da verdade todo homem’”<sup>63</sup>, Ele que falou muitas vezes e de muitas formas aos antigos, enviou Seu Filho unigido pelo Espírito Santo. Ele se faz presente por Cristo no Espírito Santo de diversas formas na Liturgia,

---

<sup>60</sup> RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 33-36.

<sup>61</sup> RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 37.

<sup>62</sup> RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 38.

<sup>63</sup> SC, nº 5.

é o verdadeiro Sacerdote e celebra enquanto Cabeça no Corpo Místico<sup>64</sup>, é Deus quem fala por primeiro<sup>65</sup>. A iniciativa é sempre d’Ele revelando-Se ao homem!

Na revelação e comunicação de Deus, está implícito o homem, pois este “é ‘capaz’ de Deus”<sup>66</sup>. A criatura escolhida para adorar e servir a Deus foi o homem, portanto é esse que responde a Deus na Liturgia; a criatura agente da Liturgia é o homem. O homem é afetado por algo que é *em próprio*, pela realidade de Deus mesmo: *afecção real*; esta *afecção real* está presente no homem como algo outro, é a *alteridade*; essa *alteridade* tem uma *força de imposição*; esses três se dão de modo unitário na *apreensão primordial da realidade*, que somente o homem faz<sup>67</sup> (grifos nosso).

Nessa relação de amor o homem adora a Deus, e essa adoração é o sacrifício litúrgico, (o único que o homem pode fazer para Deus, pois Cristo já fez de uma vez por todas para o homem), mas não um sacrifício de destruição de um em prol do outro, mas ao contrário, é a unificação de um com o outro; “Deus tudo em todos” (1Cor 15,28), somente assim o homem e toda a criação chegará a sua plena completude. O homem é quem oferece um sacrifício a Deus de espírito contrito (Sl 51,18-19), é quem adora “em espírito e verdade” (Jo 4, 23-24). O homem é quem responde a Deus por meio da Liturgia.

A revelação de Deus ultrapassa os limites do tempo *chronos* e alcança o *kairós*. Todo tempo é tempo de Deus. E o homem, enquanto agente da Liturgia, não está fora desse tempo. Portanto, é nesse tempo que a Liturgia é feita. Mas na mesma proporção ela está ligada à eternidade, pois o Verdadeiro e Eterno Sacerdote, que é Cristo, é quem preside essa Liturgia; o Ressuscitado que já está sentado à direita do Pai na eternidade une *chronos* e *kairós* em um único ato.

Na Liturgia o homem já vive a dupla dimensão do Reino de Deus do *já* e do *ainda não*<sup>68</sup> (grifo nosso), céus e terra se unem em um único louvor a Deus, isto é, cronologia e eternidade

---

<sup>64</sup> SC, nº 7.

<sup>65</sup> SC, nº 33.

<sup>66</sup> CIC, nº 27.

<sup>67</sup> ZUBIRI, X., Inteligência e realidade, p. 37-41.

<sup>68</sup> AURRECOECHEA, J. L., Reino de Deus, p. 776.

em unidade<sup>69</sup>. É na Liturgia que a Igreja expressa sua verdadeira natureza, ao mesmo tempo “humana e divina, visível, mas ornada de dons invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, presente no mundo e no entanto peregrina”<sup>70</sup>. “O culto cristão é, exatamente, uma liturgia cósmica que abraça céu e terra”<sup>71</sup>. E ainda “o *ephapax* (‘uma só vez’) está ligado ao *aionios* (‘permanente’). O ‘hoje’ abraça todo o tempo da Igreja”<sup>72</sup> (grifo do autor). Somente nesta perspectiva do tempo podemos entender o passado, o presente e o futuro, da história da Salvação, se compenetrando na Liturgia.

Uma outra característica grandiosa da revelação de Deus é o espaço de Sua criação. Ratzinger diz que “existe a criação para que haja um *lugar* para a Aliança que Deus quer estreitar com o homem. “[...] a criação identificada como espaço da Aliança, como lugar do encontro entre Deus e o homem”<sup>73</sup> (grifo nosso). Poderia se pensar que o Espaço litúrgico aqui se caracterizaria especificamente com a sinagoga ou o templo; mas vimos que no Novo Testamento, Jesus eleva essa compreensão.

Não exclui o outro, mas eleva para uma dimensão de espaço no tempo e na eternidade. Isso significa que a sinagoga e o templo da Antiga Aliança eram apenas cópias, imagem e semelhança do verdadeiro Templo, pois o Templo da habitação de Deus não é feito por mãos humanas (At 7,48). Jesus diz que se destruírem o Templo ele reerguerá em três dias, e de fato reergueu, pois, o Novo Templo universal já existe: é Cristo Ressuscitado, que não foi construída por mãos humanas. Ao identificar a Liturgia como *ação do Corpo Místico de Cristo*<sup>74</sup> (grifo nosso), significa dizer que o lugar/espaço do culto é o da Igreja, enquanto este Corpo Místico. Se na narrativa do livro do êxodo, quando Deus liberta seu Povo para que este O adore e O sirva, Ele já institui um rito no tempo, pois descreve inclusive os dias e mês do ano, e o lugar sagrado, chão santo (Ex 12; 23,14).

---

<sup>69</sup> SC, nº 8.

<sup>70</sup> SC, nº 2.

<sup>71</sup> RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 59.

<sup>72</sup> RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 61.

<sup>73</sup> RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 40.

<sup>74</sup> SC, nº 7.

Olhando ainda para a narrativa do Êxodo (12), vimos a instituição de um Rito, pois Deus distribui cada ação que se deve cumprir nos momentos e nos dias certos. O Rito está ligado intimamente com o tempo, uma vez que até o tempo foi ordenado em uma ritualidade. O rito na Liturgia alcança o tempo do *chronos* e do *kairós*; ele expressa, em primeiro lugar uma pedagogia divina na História da Salvação.

Vimos que a arbitrariedade não condiz com o verdadeiro servir e adorar litúrgico para com Deus. É necessária uma práxis autêntica. A ortodoxia, entendida na linguagem cristã tem um sentido de verdadeiro esplendor e “De acordo com isso, ortodoxia significa o modo correto de glorificar a Deus e a reta forma de adoração. Nesse sentido, a ortodoxia é, por sua natureza, ‘ortopraxis’”<sup>75</sup>. Rito, aqui, é entendido como o caminho certo para encontrar Deus, caminho que Ele mesmo traçou.

A glória de Deus é que o homem viva, vida em abundância, que é dada por Jesus Cristo (Jo 10,10), conseqüentemente o caminho traçado por Ele concretiza na Páscoa de Cristo em plenitude: Encarnação, Morte na Cruz, Ressurreição e Ascensão. “O ‘rito’ é, portanto, para os cristãos, uma forma concreta que abarca os tempos e os espaços, a qual se configurou comunitariamente, como modelo fundamental de adoração que nos foi doado pela fé”<sup>76</sup>. Com isso, o rito tem o seu lugar primário na liturgia<sup>77</sup>.

A essência da Liturgia é o constitutivo da constituição, ou seja, constitutivo da substantividade enquanto tal. A unidade intrínseca de notas *forma* a realidade substantiva da Liturgia. Poder-se-ia querer determinar numericamente as notas essenciais da Liturgia, mas não se trata disso, como diz o próprio Zubiri, essência é

o subsistema de notas necessárias e suficientes para que a substantividade tenha as notas constitucionais que tem. Neste sentido a essência é um conjunto, um sistema de notas não constitucionais mas constitutivas. Esta essência, precisamente por ser nesta forma, faz que todas as notas se impliquem mutuamente entre si”<sup>78</sup> (tradução livre).

---

<sup>75</sup> RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 129.

<sup>76</sup> RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 130.

<sup>77</sup> RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 130.

<sup>78</sup> ZUBIRI, X., Sobre la realidad, p. 99. “el subsistema de notas necesarias y suficientes para que la sustantividad tenga las notas constitucionales que tiene. En este sentido la esencia es un conjunto, un sistema de notas no

É esse sistema de notas físicas, necessárias e suficientes que faz com que a Liturgia seja realidade substantiva com seus demais caracteres. Estas notas são autossuficientes, tem a capacidade de formar por si mesmas sistemas<sup>79</sup>. As notas são autossuficientes, então em si mesmas elas são reais, cada uma é uma nota real, é uma realidade, conseqüentemente é constituída por notas; aí onde aparece as teologias de cada uma delas.

Nosso objetivo aqui não é encontrar uma definição precisa para a essência da Liturgia. Como diz o próprio Zubiri, o nosso esforço intelectual não é para definir a essência, mas para irmos descobrindo caracteres constitutivos, isto é, notas essenciais de uma realidade. Primeiro porque nunca saberemos se encontramos de fato todas as notas constitutivas de algo; segundo porque sempre pode haver algo mais fundo. A apreensão da essência é progressiva, portanto, quando logificamos (de logos = dar nome) a essência é muito mais para afirmar o real enquanto real. Essência só pode ser conceituada em função da construtividade intrínseca<sup>80</sup>.

## 6. Transcendentalidade da essência da liturgia

Vimos que Deus é aquele que revela o mistério celebrado e para o qual se dirige o servir e o adorar; o homem, enquanto aquele que é chamado a servir e adorar; tempo/espaço, enquanto aquilo no qual está toda a criação (*chronos e kairós*); rito, enquanto modo correto e ordenado de dirigir o serviço e a adoração dado pelo próprio Deus. A unidade intrínseca dessa relação dialogal entre Deus e o homem no espaço da criação de modo ordenado, forma o sistema constitutivo, uma unidade coerencial, a essência da Liturgia.

O real da Liturgia não é um aglomerado de notas essenciais, mas um sistema em unidade. Essa essência determina a unidade e é a unidade. Considerando as duas ordens da essência, podemos dizer que essa estrutura faz com que a Liturgia seja *tal* realidade e não outra coisa, e constitui a Liturgia como *real*. A talidade determina as propriedades do real, pois se falta uma das notas essenciais, resulta que a realidade possa ser outro real e não este, isto é, que

---

constitucionales sino constitutivas. Esta esencia, precisamente por serlo en esta forma, hace que todas las notas se impliquen mutuamente entre sí”.

<sup>79</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 219.

<sup>80</sup> ZUBIRI, X., Sobre la Esencia, p. 351-356.

a Liturgia seria outra coisa que não Liturgia; e pelo fato de ser Liturgia ela é real, isto é, ela só é *tal* porque é *real*.

Então a talidade está em função do real, do *de suyo*. E esta função é transcendental. Logo o que há de transcendental da essência é a estrutura interna do *de suyo* que ela forma, pois transcendental é a própria realidade em seu caráter *de suyo* (grifos nosso).

A primariedade da unidade essencial é o determinante. Nela é que se percebe as notas infundadas. E as notas fundadas por estas não são menos importantes ou desnecessárias, mas constitui as infundadas, e são determinantes no sistema essencial de qualquer realidade. A nosso ver, na Liturgia, quando se fala de sacrifício, sacramentos, sacramentais, orações, cerimônias, ofício divino, no sistema de notas elas são notas fundadas, que intrínseca às notas infundadas forma a Liturgia. Cada uma dessas notas é aberta a outras notas: os sinais, os gestos etc; é o que especifica cada liturgia, dos sete Sacramentos e dos sacramentais<sup>81</sup>.

Se abstrair cada liturgia dessas, como realidade, encontrará suas notas essenciais constitutivas. Fica, assim, percebível que a realidade substantiva da Liturgia não é um simples aglomerado de notas, mas um sistema, uma estrutura constitutiva. E essa estrutura no seu todo é a realidade, essa realidade é transcendental.

Dito isto, percebemos que para alcançar a essência da Liturgia deve-se partir de realidade sendo no real, isto é, da realidade litúrgica sendo celebrada, sua essência é só um momento seu e não o primário a ser percebido. Mas, o que é realidade litúrgica?

## 6.1. Realidade litúrgica

Como citado anteriormente, somente o homem é animal de realidades, assim sendo, somente o homem é animal de Liturgia. O homem acessa a realidade da Liturgia pela *inteligência senciente*, isso o distingue completamente de inteligência concipiente, epistemologias, pois estes últimos são processos ulteriores (grifos nosso).

*O que é a realidade? só pode ser posta sobre o fundo das coisas reais tais como são no mundo e tais como estão presentes à inteligência humana: a uma inteligência senciente. Uma vez que a realidade só se apresenta a nós sob a forma de coisas reais,*

---

<sup>81</sup> VAGAGGINI, C., O sentido teológico da Liturgia, p. 42.

e que as coisas reais, que estão presentes como tais, são as coisas deste mundo<sup>82</sup>  
(grifos do autor).

É somente pela via de uma metafísica intramundana que se pode atingir o princípio da realidade. A realidade se apresenta à inteligência e a inteligência dar-se conta de algo que já está; esta unidade indivisa consiste a intelecção. Há uma principialidade da realidade sobre a inteligência neste sentido, mas enquanto formalidade e não no sentido de temporalidade. Então o homem entende o real, ou seja, apreende intelectivamente esse real, e o real fica atualizado na inteligência. O intelecto atualiza a si mesmo pela atualidade da coisa. Aqui a realidade aparece formalmente na pura atualização da inteligência senciente. A realidade em seu caráter *de suyo* é o que permite explicar o fundamento e a totalidade do real (grifo nosso).

O homem só pode atingir a realidade transcendental *nas* e por meio *das* coisas reais. Pois o transcendental se refere às condições da inteligibilidade, não se trata de um fenômeno psicológico porque intelecção não é uma faculdade ou uma consciência, mas um ato de apreender a realidade. Portanto, para apreender a realidade transcendental da Liturgia o homem precisa partir da vivência mesma da liturgia celebrada (grifos nosso).

Nesta ocasião a realidade da liturgia se apresenta ao homem em forma das coisas reais na intelecção humana, que “é formalmente mera atualização do real na inteligência senciente”<sup>83</sup>. Exatamente por essa formalidade de realidade que a transcendentalidade não é um *para além* da realidade física, um *para além* das coisas reais, mas exatamente o contrário, se dão em formalidade de realidade na apreensão intelectual. Neste processo o real da Liturgia é ligado ao princípio dessa realidade em um vínculo transcendental, unitário. Destarte, realidade litúrgica é a apreensão de sua realidade *na* e por meio *da* Liturgia celebrada (grifos nosso).

Essa estrutura complexa é o que entendemos como sistema constitutivo da realidade da Liturgia, é a essência da Liturgia. A estrutura interna está em função do *de suyo* da Liturgia. Portanto é na vivência da Liturgia em seu caráter *de suyo*, é *nela* e não *para além dela* que é

---

<sup>82</sup> CAPONIGRI, A propósito de sobre a essência, p. 60.

<sup>83</sup> ZUBIRI, X., Inteligência e realidade, p. lv.

possível a transcendentalidade, e é nessa transcendentalidade que nos deparamos com Deus, ou seja, experienciamos a Realidade Fundante transcendentalmente.

## 7. Considerações finais

A filosofia zubiriana nos permite alcançar o mais profundo da coisa real, assim sendo, nos possibilita o alcance daquilo que há de mais profundo na Liturgia. O estudo dos conceitos teóricos aqui apresentados, são fundamentais e de necessária importância, mas o primordial mesmo é a mistagogia, sua vivência, é o deparar com a crua e nua realidade celebrada. Somente nos deparando com a realidade litúrgica podemos alcançar o seu conhecimento e sua estrutura transcendental, pois a Transcendentalidade não está para além da realidade, mas é uma realidade transcendental.

A estrutura constitutiva de todas as notas necessárias, ou seja, a essência é apenas momentos dessa realidade. Dessa maneira, pelo que se entende de realidade em Zubiri, nos permite alcançar a Liturgia como algo dinâmico, pois toda realidade tem uma estrutura dinâmica<sup>84</sup>. Aqui abre para nós uma questão para estudos posteriores, como todo estudo deve proporcionar: qual a dinâmica da realidade da Liturgia?

Esperamos que o presente texto ajude aos seus leitores a compreender que, por meio da interdisciplinaridade da Filosofia e Teologia, a Liturgia é um problema teológico que carece, a cada tempo ser explorado, uma vez que tem sido motivo de grandes divisões nas práticas litúrgicas mesmo após o Concílio Vaticano II. Começar essa construção pela base, pelo que há de primário da coisa é, a nosso ver, a saída, neste sentido, a filosofia zubiriana tem um papel fundamental para essa construção teológica. E nela entendemos ter encontrado as ferramentas necessárias para demonstrar que a Liturgia tem um fundamento muito mais profundo que transcende nela, a Realidade Fundante.

## 8. Bibliografia

---

<sup>84</sup> ZUBIRI, X., Estructura dinámica de la realidad.

AURRECOECHEA, J. L., Reino de Deus. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. (Dirig.). **Dicionário Teológico: o Deus Cristão**. Tradução I.F.L. Ferreira, Honório Dalbosco e equipe. São Paulo: Paulus, 1988.

**BÍBLIA** de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 5. impr. São Paulo: Paulus, 2008.

CAPONIGRI, A. Robert. A propósito de Sobre a Essência: o realismo de Xavier Zubiri. SECRETAN, Philibert (org.). **Introdução ao pensamento de Xavier Zubiri (1898-1983)**: por uma filosofia de realidade. São Paulo: É Realizações, 2014.

CARUANA, E. Liturgia. In: BORRIELLO, L., CARUANA, E., DEL GENIO, M.R. e SUFFI, N. (Dirig.). **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus: Edições Loyola, 2003.

**CIC – Catecismo da Igreja Católica** – Edições Loyola, São Paulo, 2000.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Sacrosanctum Concilium**. 29ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GARCÍA, Juan José. **Inteligencia Sentient, Reidad, Dios**: nociones fundamentales em la filosofia de Zubiri. Cuaderno de Piensamiento Español, Nº 30, 2006.

GRACIA, Diego. Xavier Zubiri (1898-1983). SECRETAN, Philibert (org.). **Introdução ao pensamento de Xavier Zubiri (1898-1983)**: por uma filosofia de realidade. São Paulo: É Realizações, 2014.

LAURICIO, Jerônimo., **Liturgia: um caminho de contemplação do Mistério cristão**. Disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/liturgia-um-caminho-de-contemplacao-do-misterio-cristao/#.YTtwd45KjIU>. Acessado dia 10/09/2021.

RATZINGER, Joseph. **Teologia da Liturgia**: O fundamento sacramental da existência cristã. Brasília: Edições CNBB, 2019.

SECRETAN, Philibert (org.). **Introdução ao pensamento de Xavier Zubiri (1898-1983)**: por uma filosofia de realidade. São Paulo: É Realizações, 2014.

SOUSA, D. Cândido. **A realidade enquanto categoria metafísica fundamental**: uma abordagem sobre a crítica de Xavier Zubiri à concepção intelectual da metafísica. Orientador: Prof. Manfredo Araújo de Oliveira. Aprovada em 17 de novembro de 2003. 104 páginas. (Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Filosofia Contemporânea.). Fortaleza, 2003. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26074/1/2003\\_dis\\_dcsousa.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26074/1/2003_dis_dcsousa.pdf). Acessado em 07/06/2021. Acesso em 25 de maio de 2021.

VAGAGGINI, Cipriano OBS Cam. **O sentido teológico da Liturgia**. Tradução de Francisco F. de Moraes. Ed. Loyola, São Paulo, 2009.

ZUBIRI, Xavier. **Sobre la esencia**. Alianza Editorial; Sociedade de Estudios y Publicaciones: Madri, 1985.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e Realidade**. Realizações editora. 2011.

ZUBIRI, Xavier. **Sobre la realidad**. Alianza Editorial: fundação Xavier Zubiri: Madrid, 1966).

ZUBIRI, Xavier. **Natureza, História, Deus**. São Paulo: É Realizações, 2010.

ZUBIRI, Xavier. **Estructura dinámica de la realidad**. Madrid: Alianza Editorial, Fundação Xavier Zubiri, 1989.

## ANEXO I - ABREVIACÕES

CIC – Catecismo da Igreja Católica.

SC – Sacrosanctum Concilium.

**DATA DE SUBMISSÃO: 2021-12-22**

**DATA DE APROVAÇÃO: 2022-07-28**



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.